

## **O novo ciclo de desenvolvimento**

*Hussein Ali Kalout*

O ciclo virtuoso por que passa o Brasil exige nova estratégia de inserção no comércio global. Após décadas de ajuste macroeconômico, a sustentação do crescimento exigirá a expansão dos investimentos, o aumento da competitividade e a desobstrução de gargalos, principalmente no setor de energia e infraestrutura.

O processo envolve a construção e o aprofundamento do relacionamento com parceiros internacionais.

A polaridade mundial se reorganiza, e o planejamento no front externo terá de compreender a reorientação da economia internacional.

Prognósticos indicam que os países desenvolvidos continuarão a ter fraco desempenho econômico nos próximos anos. Enquanto isso, o pólo dinâmico se transfere para países emergentes, com destaque para os Brics (Brasil, Rússia, Índia e China). A China, já a segunda maior economia do mundo, cresce em ritmo acelerado e deve superar os EUA em duas décadas.

No plano das negociações comerciais, nossa política comercial se confrontou com o emperramento das negociações no âmbito da rodada Doha, com as dificuldades de avançar nos acordos junto à União Europeia e com o Mercosul à deriva. A crise econômica nos países desenvolvidos adiou os planos de integração do comércio internacional.

Entretanto, não cabe desistir, principalmente as economias como a brasileira, que dependerão de capacidade de buscar oportunidades no mercado externo e de atrair investimentos para manter o ritmo de desenvolvimento.

Um dos grandes desafios do Brasil é expandir as exportações e o volume de comércio com o exterior. Nossa participação no comércio internacional permanece ao redor de 1%. Na década de 50 chegou a ser duas vezes maior. Há boas perspectivas em diversos setores, com destaque para as commodities minerais e agrícolas. Esse processo se desdobrará em cooperação e integração com multinacionais estrangeiras e no aprofundamento da internacionalização de empresas brasileiras.

A consultoria PriceWaterCoopers prevê investimentos de US\$ 62 bilhões nos próximos cinco anos no setor de mineração, como o de extração de minério de ferro, bauxita e cobre. A exploração do petróleo da camada pré-sal significará investimentos da ordem de R\$ 80 bilhões até 2020, segundo o BNDES o que exigirá capitais nacionais e estrangeiros, evidenciados na recente capitalização da Petrobras e em acordos de cooperação e empréstimo da estatal brasileira com a China Petroleum and Chemical Corporation (Sinopec), a empresa petrolífera chinesa.

A China definitivamente descobriu o Brasil. Entre 2001 e 2009, os investimentos chineses no Brasil permaneceram tímidos, somando apenas US\$ 215 milhões no período. Em 2010, o interesse dos chineses no Brasil saltou para a casa dos US\$ 12 bilhões, de acordo com números da Câmara de Comércio BrasilChina, e deverá continuar significativo.

Os chineses buscam principalmente petróleo, energia, mineração e siderurgia, necessários para alimentar seu vigoroso crescimento.

Nesse processo, o comércio entre os dois países quadruplicou nos últimos 5 anos, alcançando US\$ 39 bilhões em 2009. A aproximação trará desafios e enormes oportunidades de ganho econômico.

A competitividade chinesa impressiona os competidores, especialmente no setor de manufaturados. Mas não devemos ter receio da concorrência e sim nos preparar para enfrentá-la. O investimento em educação e capacitação da mão de obra nos próximos anos

é fundamental, aliado ao aperfeiçoamento do sistema tributário, para que possamos aumentar a produtividade e nos tornarmos cada vez mais competitivos.

O crescimento significará elevação da demanda por energia, proveniente de uma matriz cada vez mais heterogênea, combinando as tradicionais fontes com novas alternativas, como as renováveis, com crescente espaço no mercado mundial. A produção de etanol no Brasil, por exemplo, será ampliada de 26 bilhões de litros/ano para 64 bilhões em 2019, estima o Ministério de Minas e Energia. Nessa escala, é possível vislumbrar um excedente exportador que demandará prospecção de mercados no exterior para o etanol brasileiro.

Esse cenário será liderado por empresas nacionais que se tornam global players relevantes. Observamos exemplos de sucesso, como a construtora Odebrecht e a multinacional de bebidas Anheuser Busch Inbev – seus principais controladores brasileiros recentemente adquiriram o controle da rede americana de hambúrgueres Burger King e as parcerias do Grupo EBX com investidores estrangeiros. Com a pujança da economia brasileira, a tendência é de mais nomes no horizonte.

---

## **Ouro a US\$ 10 mil?**

*Kenneth Rogoff*

Nunca foi fácil ter uma conversa racional sobre o valor do ouro. Ultimamente, com as cotações em alta de mais de 300% na última década, está mais difícil ainda. Em dezembro, os economistas Martin Feldstein e Nouriel Roubini produziram artigos em que questionavam o sentimento de alta no mercado, apontando os riscos desse investimento.

Desde que os artigos foram publicados, o preço do ouro subiu ainda mais, até bater o recorde de US\$ 1.300. Em dezembro, estimava-se que as cotações chegassem a US\$ 2.000. Agora, alguns sugerem que possam passar disso.

Um investidor bem-sucedido em ouro explicou-me recentemente que o preço das ações se enfraqueceu durante mais de uma década até que o índice Dow Jones cruzasse a marca dos 1.000 pontos no início dos anos 80. Desde então, ele já superou os 10.000. Agora que o ouro ultrapassou a barreira mágica dos US\$ 1.000, por que não poderia também se valorizar dez vezes mais?

Mas chegar a um preço muito maior não é o salto que parece. Depois de ajustado pela inflação, o preço de hoje não chega próximo ao recorde de janeiro de 1980, quando houve uma alta incomum.

A US\$ 1.300, o preço atual é provavelmente mais do dobro da média dos preços do metal a longo prazo, ajustado pela inflação.

Então, o que poderia justificar outra grande elevação nas cotações a partir deste patamar? Uma resposta é um colapso do dólar americano. Com déficits em alta e uma política fiscal à deriva, alguém poderia imaginar de fato se um governo populista não recorreria intensamente à emissão de moeda. Alguns poderiam argumentar que títulos indexados à inflação oferecem uma proteção melhor e mais direta do que o ouro. Mas adeptos do metal estão certos ao se preocupar com a possibilidade de o governo não honrar suas responsabilidades sob circunstâncias mais extremas.

O fato de que uma inflação muito alta seja possível não a torna provável. Então, é preciso cautela ao argumentar que a elevação dos preços do ouro seja reflexo de expectativas inflacionárias.

Alguns argumentaram que a longa valorização do metal foi parcialmente causada pela criação de novos instrumentos financeiros que tornam mais fácil negociar e especular com ouro.

A meu ver, o argumento mais poderoso para justificar o elevado preço do metal hoje é a dramática emergência de Ásia, América Latina e Oriente Médio na economia global. À medida que legiões de novos consumidores chegam ao mercado, a demanda sobe, elevando o preço de commodities escassas.

Ao mesmo tempo, os bancos centrais dos países emergentes precisam acumular reservas em ouro, o que ainda fazem em proporção muito menor do que os bancos centrais dos países mais ricos. Com o euro parecendo menos apetitoso como forma de diversificação em relação ao dólar, o apelo do ouro naturalmente cresceu.

Então, sim, há fundamentos sólidos que explicam as elevadas cotações do metal, embora seja muito mais discutível se e até que ponto eles continuarão servindo de suporte para preços mais altos no futuro. Outro fator fundamental que vem sustentando o preço do ouro pode se mostrar mais efêmero do que a globalização. As cotações do metal são extremamente sensíveis aos movimentos globais das taxas de juro. Afinal, ouro não paga juro e até custa alguma coisa para estocar. Hoje, com os juros em baixa recorde em muitos países, é relativamente barato especular com ouro em vez de investir em títulos.

Mas, se os juros reais subirem significativamente, o que pode acontecer um dia, o ouro poderia despencar.

A maior parte da pesquisa econômica sugere que as cotações do ouro são de difícil previsão a curto e a médio prazos, com as possibilidades de ganho e perda se equilibrando. É perigoso extrapolar as tendências a curto prazo. O ouro tem tido um grande avanço, mas o mercado imobiliário internacional fez o mesmo até poucos anos atrás.

Se você é um alto investidor, um fundo soberano ou um banco central, faz todo sentido ter uma modesta proporção de seu portfólio em ouro como proteção contra eventos extremos. Mas, apesar da atração que o metal exerce em razão da extraordinária alta das cotações, ele continua uma aposta muito arriscada para a maioria de nós.

Tais considerações poderiam ter pequena influência nos preços. O que era verdadeiro para os alquimistas do passado continua válido hoje: ouro e razão são difíceis de conciliar.

**Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 7 out 2010, Primeiro Caderno, p. 7.**